

PROPOSTA DE ESCRITA ARTEGRÁFICA: O Inferno da Docência como um Rito de Travessia

Luciana Nunes Specht

Objetivo da prática:

Oferecer aos docentes a experimentação de uma prática de escrita/expressão sensível e fabulatória, inspirada no artegrafema “**Bruxaria: convite infernal?**”, que compõe, juntamente com outros artegrafemas, a dissertação de Luciana Specht, orientada pelo Professor Dr. Alberto Coelho, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdU), Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do Instituto Federal Sul-rio-grandense, escrito a partir das fabulações artegrafemáticas e, em especial, às escrileituras, com vistas à leitura do livro: “Para uma Filosofia do inferno da educação”, da Professora Sandra Mara Corazza, entre outras leituras da esteira da Filosofia da Diferença, com o propósito de que os docentes se permitam a experimentação de uma prática de saúde docente, a partir do esvaziamento de dores e pesos, exorcizando expectativas impostas e abrindo frestas e linhas de fuga para novas formas de pensar, resistir e viver a docência.

Justificativa:

A prática de escrita artegrafemática, nessa perspectiva, justifica-se como procedimento necessário de resistência a ideia representacional do relato como narrativa de reconstituição da memória em algo de fato. Neste sentido, o que se deseja é a produção de uma escrita que conecta matérias para compor uma paisagem de sensações; uma prática rizomática, um agenciamento coletivo que conecta vozes, imagens e forças, como condição de possibilidade de produzir uma docência como acontecimento ético, estético e político, que se reinventa pela invenção-criação de percursos traçados por entre as matérias intensivas da arte: literatura, desenho, poesia, pintura, música e etc., um corpo-professor artegrafemático que acontece pelo deslocamento por entre sentidos e sensações: pensamentos e sensamentos.

A proposta de escrita-expressão toma por base os passos a seguir:

1º Passo: Um Chamado (“As forças que nos atravessam”)

- Esse momento funciona como uma cartografia dos afetos, permitindo que os professores envolvidos na proposta tracem um primeiro mapa das capturas e das sensações que os atravessam, a partir da leitura do artegrafema proposto e no exercício de suas atividades docentes.
- Cada docente lê um fragmento do artegrafema que foi compartilhado com o grupo de professores, para que todos que os partícipes da proposta tenham contato com o texto. Em seguida, cada um pensa sobre o artegrafema proposto, sobre sua prática e sobre as perguntas provocativas que seguem abaixo;
- *Quais “vozes” o chamam ou atravessam (ou o julgam, controlam, afetam) a sua prática docente?*
- *Que “fantasmas ou forças” (medos, expectativas, frustrações, inércia, normatizações, normalizações) o perseguem no cotidiano da escola?*
- *Quais “maldições pedagógicas” (pressões, cobranças, vigilâncias, planilhas, normas, burocracias, aprovações compulsórias, incômodos) que mais pesam sobre seu corpo?*
- Logo após, cada um escreve uma invocação;

2º Passo: O Portal do Exorcismo

- Momento de os professores participantes da proposta abrirem-se às forças e sensações que os atravessam, desprenderem-se das formas instituídas e dos clichês que esgotam o corpo docente em um processo de desterritorialização e reterritorialização.
- A partir da leitura coletiva, do exercício realizado anteriormente e das perguntas provocativas abaixo, elaborar um Ritual de Travessia em forma de feitiço, carta de exorcismo, bilhete de maldição, receita maligna ou registro em diário secreto
- *O que os docentes gostariam de abandonar ao atravessar o “portal infernal da docência”?*
- *Que pesos, papéis, ilusões e máscaras precisam ser rasgadas, dissolvidos ou queimados (simbolicamente) no caldeirão infernal?*

3º Passo: O Encontro

- Momento de abertura ao devir: devir-bruxa, devir-criança, devir-professor-impossível. A docência aqui deixa de ser forma fixa para se tornar multiplicidade, invenção e fabulação.
- Agora, imagine: quem ou o que aparece ou está do outro lado da porta (do artegrafema lido coletivamente):
- *Uma bruxa, um duende, um demônio, um anjo, uma entidade, um aluno impossível, um colega ausente, um outro “eu” docente.*
- Escreva esse encontro como diálogo ou frase: o que essa entidade revela, acusa, confessa, liberta, aconselha?

4º Passo 4: O Esvaziamento

- Momento de experimentar o corpo sem órgãos, ou seja, uma docência que suspende sua organização habitual, liberando intensidades e abrindo espaço para novos arranjos, meios, modos e ritmos de existência.
- Esse é o instante de silenciamento pela escrita, para expelir, riscar e queimar sentimentos, sensações e mal estares da existência docente. Escreva algo sobre o que você gostaria de exorcizar e eliminar da sua vida como professor e em seguida jogue no caldeirão (item que acompanha a prática) como gesto simbólico de queimá-lo.
- Experimente usar apenas palavras soltas, desenhos, rabiscos ou manchas de cor para expressar o que foi “expelido, riscado ou queimado da sua existência como docente”.
- A ideia aqui não se trata de clareza, mas de deixar vaziar. Não se trata de sentidos, mas de sensações e sensamentos.

5º Passo: O Retorno

- Momento em que surge uma linha de fuga, potência e criação de um outro lugar de existência como professor.
- Cada docente, com base no que experimentou e nas perguntas provocativas abaixo, escreve um fragmento final, em forma de confissão, transbordamento, carta de maldição ou feitiço.
- “Depois dessa travessia, carrego em mim...”
- “O inferno que me habita também é potência porque...”
- “Minha docência perigosa é capaz de...”

Produto Final: O Grimório Artegrafemático da Docência

Um livro/caderno rizomático elaborado coletivamente durante a prática, que reúne dores, potências e fabulações sobre a docência.

Não é um manual, mas uma máquina de escrita viva, sempre aberta a novos acréscimos, afetos, manchas, sensações, sensamentos e fabulações. Ele funciona como arquivo de devires: lugar de experimentação, transbordamento e esvaziamento, onde os incômodos e potências da docência se escrevem/rabiscam/desenham/inscrevem como multiplicidade e se compartilham nesse livro, aqui chamado de “Grimório Artegrafemático da Docência”.

Após concluída a prática de escrita artegrafemática:

Reunir todos os fragmentos, invocações, desenhos, receitas e feitiços em um caderno nomeado “Grimório Artegrafemático da Docência”, um espaço coletivo de expressão, que guarda tanto as dores quanto as potências docentes reinventadas.

O artegrafema “convite infernal”, não se oferece apenas como inspiração ou narrativa fabulatória, mas como linha de fuga que abre um campo de experimentação coletiva, onde a escrita artegrafemática opera como dispositivo de esvaziamento e reinvenção. Ela não é representação, mas máquina de cuidado e resistência, uma prática rizomática que desfaz capturas e faz emergir outros modos de viver e escrever/ expressar.

Considerações finais:

A proposta se ancora em Deleuze, Guattari e Corazza, ao afirmar:

- A docência, aqui entendida como corpo atravessado por forças (não sujeito fixo).
- A escrita artegrafemática funciona como máquina de guerra, que desfaz capturas do instituído (Aparelho de Estado).
- O grimório funciona como um arquivo rizomático, sem começo ou fim, aberto às forças da criação e da reinvenção.
- O inferno, nesse contexto, é visto como imagem de pensamento: não castigo, mas fabulação que desorganiza o instituído e abre brechas para o pensamento e para a criação.

Assim, o artegrafema proposto para essa prática, deixa de ser apenas inspiração literária para se tornar um dispositivo de cuidado e resistência, uma prática micropolítica que, ao mesmo tempo, esvazia, resiste, encanta e inventa a docência.